



UNIVERSIDADE FEDERAL DO TOCANTINS
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
CURSO DE GRADUAÇÃO EM LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

MATHEUS RODRIGUES OLIVEIRA

**SOBRE AS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO RIO TOCANTINS EM
BABAÇULÂNDIA, TOCANTINS**

Araguaína/TO
2021

MATHEUS RODRIGUES OLIVEIRA

**SOBRE AS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO RIO TOCANTINS EM
BABAÇULÂNDIA, TOCANTINS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Licenciatura em Geografia para obtenção do título de Licenciada em Geografia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Orientador: Dr. Eliseu Pereira de Brito.

Araguaína/TO
2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

O48s Oliveira, Matheus Rodrigues Oliveira .
SOBRE AS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO RIO TOCANTINS
EM BABAÇULÂNDIA, TOCANTINS. / Matheus Rodrigues Oliveira
Oliveira. – Araguaína, TO, 2021.
35 f.

Monografia Graduação - Universidade Federal do Tocantins –
Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Geografia, 2021.

Orientador: Eliseu Pereira de Brito Brito

1. Ribeirinhos. 2. Comunidades. 3. Identificação. 4. Território. I.
Título

CDD 910

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

MATHEUS RODRIGUES DE OLIVEIRA

**SOBRE AS COMUNIDADES RIBEIRINHAS DO RIO TOCANTINS EM
BABAÇULÂNDIA, TOCANTINS**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi avaliado e apresentado à UFT – Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína, Curso de Licenciatura em Geografia para obtenção do título de Licenciada em Geografia e aprovada em sua forma final pelo Orientador e pela Banca Examinadora.

Data de aprovação: 13 / 08/ 2021

Banca Examinadora



Prof. Dr. Eliseu Pereira de Brito, UFT

Prof. Dr. Mauricio Mendes Ferreira

Prof. MS. Reges Sodré

Araguaína/TO, 2021

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, dou graça àquele que é o autor da vida, da esperança, da força, ao Senhor Deus por todas as coisas, pois sem Ele, nada teria sido possível;

Aos meus amores, mamãe e papai, obrigado pelo incentivo, pelas orações e por todo suporte que recebi. Vocês são incríveis. Amo vocês;

À minha tia Ediana, que esteve comigo em oração antes e durante essa grande jornada. Aos meus avós, dona Helena e seu Eladio, o “Belém”, aos meus familiares, é por vocês;

Aos meus tios, Iata e Dulce, e família. Grande estima tenho por vocês. Aos meus avós, Dona Maria, e José, Olga e Zaltino, obrigado por tudo. As minhas tias, Olganete e Gracinete, obrigado pelos diálogos e pela disposição em ajudar. Ao meu pai, Dorival, os diálogos que tivemos relacionados a este desafio, foram de preciosa contribuição, obrigado pelo suporte.

Ao professor Eliseu Brito, meu orientador. Pessoa de grande competência e dedicação. O senhor esteve comigo desde o início do curso, ensinando, conduzindo, e orientando. Obrigado por sua imensa paciência e entrega, Deus o abençoe.

À Girlane Albuquerque, Laene e família, pelo amparo e incentivo no início desta jornada, meu muito obrigado;

À Josy Santana, grande e preciosa amiga. Você teve papel fundamental nesta trajetória. Você esteve presente na maior parte deste período, foi um importante alicerce neste ciclo, obrigado;

Ao meu amigo, e irmão em Cristo, Eduardo Barros, companheiro de quarto e com quem aprendi muito. Obrigado pelo apoio, pelas orações. Em meus dias ruins você esteve lá. Louvado seja Deus por sua vida.

Ao amigo, Alex Bezerra, grande parceiro, obrigado por tudo que fizeste por mim durante minha permanência nessa instituição, e nesta cidade. Sou grato pelas risadas, pelas correrias, pelos trabalhos, e sobretudo por sua amizade. Você é fera meu caro. Abraço, meu irmão.

Ao meu amigo, Taynam Dias, por todo suporte que me deste durante o tempo que vivi em Araguaína. Você é diferenciado;

Também agradeço a minha amiga Hellen pelo encorajamento e suporte ao longo deste processo;

Ao senhor Manoel Moura e dona Maria Moura, e seus filhos, Hermano e Vinícius, vocês possuem um coração gigantesco. Obrigado pelo lar e por toda a assistência que me deram durante o curso;

Aos meus queridos amigos, Tarcísio, que esteve ali ajudando e dando dicas. Ao caro Douglas, que foi meu monitor na disciplina de Cartografia, seu bom humor e irreverência tornavam o dia-a-dia na universidade mais alegre;

Aos meus ex-professores e irmãos em Cristo, Marcony Castro e Andrea Cardoso. A minha ex-professora, amiga e irmã em Cristo, Ana Celeste, obrigado pelo apoio, pelas conversas;

Ao senhor Laudi e dona Zelia;

Aos meus amigos, Silvério Picanço e Alirio Gaia, vocês são demais, um forte abraço.

Às minhas amigas e companheiras de graduação, Louislane Araújo e Willianny Lemos, grande carinho tenho por vocês.

À minha amiga e irmã em Cristo, Samara Lima, pelas orações e dicas durante fase final do curso.

Aos amigos, Cleilson, Jessica Tayse, Jayane, e Claudia, Alerson e Ana Paula;

A todos os meus amigos do curso de graduação que compartilharam dos inúmeros desafios que enfrentamos, sempre com o espírito colaborativo.

Sou grato a todo corpo docente do curso de Geografia, UFT\UFNT, pelo profissionalismo e dedicação.

Aos professores do colegiado de Letras: Plínio Sabino, pelas dicas e direções apontadas lá no primeiro semestre do curso. À Thelma Borges, pelas importantes reflexões provocadas a respeito da educação.

Aos ribeirinhos de Babaçulândia, Tocantins, aos que deram suporte para que esta monografia fosse realizada;

Aos professores que foram de importante contribuição para meu amadurecimento na Universidade: Ao professor, Jean Carlos, meu orientador de PIBIC durante os meus últimos semestres no curso. Ao professor Marcelo Venâncio, de quem fui monitor da disciplina de Teoria e Método. Ao professor Alberto, pelas dicas e reflexões compartilhadas ao longo do curso. À professora Fátima Lima, pela dedicação e empenho, obrigado;

Ao Reges Sodré, meu professor e avaliador de banca, agradeço pelas valiosas lições proporcionadas durante as disciplinas que foi docente. Ao professor Maurício Ferreira, meus sinceros agradecimentos;

À Universidade Federal do Tocantins\ Universidade Federal do Norte do Tocantins, aos servidores e a todos que de alguma forma contribuíram para que esta graduação fosse tangível, muito obrigado.

RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar as comunidades ribeirinhas em Babaçulândia, norte do Tocantins, e identificar as representações dessas populações. Uma forma de fazer esta pesquisa foi por meio do Diagnóstico Rural Participativo – DRP, através de uma pesquisa qualitativa, com entrevistas, descrição dos lugares e fotografias. Esta pesquisa justifica-se pela relevância social e econômica, tendo em vista que os ribeirinhos destas regiões sofreram e, ainda vivem os impactos direto e indireto advindos da construção do lago da UHE Estreito. Durante o período de 2018 e 2019 realizamos visita a campos na cidade de Babaçulândia, Tocantins, tais entrevistas possibilitaram a pesquisa, e as informações coletadas neste período somadas às já existente constituíram um importante arcabouço de dados para este Trabalho de Conclusão de Curso. Os resultados apontam para um importante instrumento em busca do reconhecimento do território de uso dos ribeirinhos. Estes resultados direcionam a pesquisa para distintos grupos de ribeirinhos, sendo eles caracterizados de acordo com a sua relação de dependência com o rio(lago), quais sejam: populações de agricultores, citadinos (ribeirinhos), e ribeirinhos habitando áreas fora das margens do lago da UHE Estreito. O foco principal foi analisar o que são os lugares para estas populações, o que são as suas identidades e os seus lugares de posse e identidade, e compreender como a comunidade da Ilha Verde se sustentava após a remoção dos seus antigos lugares nas margens do rio Tocantins por razão da UHE Estreito. A leitura almejada sempre foi a do território enquanto conjunto de lugares e itinerários de Bonnemaïson (2012) e neste, entender os geossímbolos.

Palavras- chave: Ribeirinhos; Comunidades, Identificação.

ABSTRACT

This research has as its main objective a study on the territories of the ribeirinhos dwellers in Babaçulândia, northern Tocantins, aiming at an analysis of the places and territory of the riverside dwellers. We propose as an objective to map the ribeirinhos communities in the municipality and identify the various representations of the ribeirinhos being. One way of doing this research was through the Participatory Rural Diagnosis – DRP, through a qualitative research, with interviews, description of places and photographs. This research is justified by its social and economic relevance, considering that the ribeirinho dwellers of these regions have suffered and are still experiencing the direct and indirect impacts arising from the construction of the Estreito HPP lake. During the period 2018 and 2019, we carried out visits to fields in the city of Babaçulândia, Tocantins, such interviews enabled the research, and the information collected in this period added to the existing ones constituted an important data framework for this Final Paper. The results point to an important instrument in the search for recognition of the territory used by riverside dwellers. These results direct the research to different groups of riverside dwellers, which are characterized according to their dependence relationship with the river (lake), namely: populations of farmers, townspeople (riverside), and riverine dwellers living in areas outside the lake shores of the Estreito HPP. The main focus was to analyze what places are for these populations, what their identities and places of ownership and identity are, and to understand how the Ilha Verde community supported itself after the removal of its old places on the banks of the river. Tocantins because of the Estreito HPP. The desired reading was always that of the territory as a set of places and itineraries by Bonnemaïson (2012) and in this, understanding the geosymbols.

Keywords: Ribeirinhos; Communities, Identification.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Vista parcial do lago da UHE Estreito, no acampamento Ilha Verde.....	19
Figura 2 - Habitação dos ribeirinhos as margens do lago da UHE Estreito	21
Figura 3 - Mapa 1: Localização do acampamento Ilha Verde.	22
Figura 4 - Plantação de hortaliças as margens do lago da UHE Estreito.	25
Figura 5 - Colônia de pescadores Z-15.....	26
Figura 6 - Procissão de São José: lago de em Babaçulândia- (TO).....	29

Sumário

INTRODUÇÃO	9
1. POR UMA DISCUSSÃO DO CONCEITO DE RIBEIRINHOS	12
2. O PERCURSO DA PESQUISA	16
2.1 O método da pesquisa e a problemática	16
2.2 A área de pesquisa	16
2.3 Da Ilha São José ao acampamento Ilha Verde, a feira da cidade	20
3. OS RIBEIRINHOS DO ENTORNO DO LAGO DA UHE ESTREITO	24
4. TERRITÓRIO RIBEIRINHO NO LAGO DA UHE ESTREITO	28
CONCLUSÃO	30
REFERÊNCIA	31

INTRODUÇÃO

As regiões Amazônica e do Cerrado nas duas últimas décadas têm sido palco de transformações nas suas paisagens. Mudanças estruturais impulsionadas pelo crescente avanço da fronteira agrícola tem desencadeado uma nova organização do espaço geográfico no que tange a formação das cidades e do povoamento nas regiões das “bordas” da Amazônia, comumente chamadas de áreas de Transição por Ab'Sáber (2003).

Esta pesquisa objetivou construir uma análise de uma região de transição de Cerrado e Amazônia no município de Babaçulândia, norte do Tocantins, na fronteira com o estado do Maranhão. É uma região que recentemente enfrentou desafios sociais de grandes proporções produzidos pela construção da Usina Hidrelétrica Estreito no médio rio Tocantins. A UHE Estreito provocou mudanças na vida das populações ribeirinhas do rio Tocantins, houve re-arranjos espaciais, modos de vidas e costumes foram destruídos ou reorganizados, dezenas de famílias tiveram de ser remanejadas de seus territórios. Foi no contexto das transformações territoriais que norteamos a pesquisa no entendimento de uma resistência e persistência dos sujeitos ribeirinhos.

Há de se ressaltar que alterou-se as margens do rio Tocantins com o enchimento do lago, mas, os ribeirinhos “levaram” seus lugares e criaram uma nova forma de “ser” em ambientes totalmente adversos em chapadas e hoje se voltam para o rio como lugares das suas vivências.

Para construir este estudo, fizemos trabalhos de campo nos acampamentos, feiras e comunidades em 2019 e 2020 buscando a compreensão dos lugares e o entendimento das populações ribeirinhas. A proposta do campo foi coletar informações dos lugares ribeirinhos e construir uma descrição dos principais elementos constituidores das paisagens, realizando assim, campos no município de Babaçulândia. Um foco principal da pesquisa foi com as comunidades ribeirinhas na Ilha Verde, distante 20 km da sede do município, às margens do lago de Estreito. Trata-se de um acampamento constituído por famílias ribeirinhas atingidas pela represa da UHE Estreito no ano de 2009.

O método pela qual utilizamos para o trabalho de campo foi descritivo exploratório, com aplicação de ferramentas do mapa falado, travessia e aplicação de pesquisa participativa. Na observação utilizamos o método da descrição dos objetos e ações, na entrevista por um diálogo aberto utilizando técnicas do Diagnóstico Rural Participativo – DRP. O foco principal foi analisar o que são os lugares para estas populações, o que são as suas identidades e os seus lugares de posse e identidade, e compreender como a comunidade da Ilha Verde se sustentava após a remoção dos seus antigos lugares nas margens do rio Tocantins por razão da UHE Estreito. A leitura almejada sempre foi a do território enquanto conjunto de lugares e itinerários de Bonnemaïson (2012) e neste, entender os geossímbolos.

Os caminhos e itinerários de vivência foram organizados no objetivo de construir para além de um mapa com os signos da cartografia, uma representação dos lugares e geossímbolos dos ribeirinhos. A cartografia dos ribeirinhos tem nos apontado novas formas de ver o espaço e sua produção social pelo homem. A produção social do espaço é uma categoria introduzida por Henri Lefebvre e que tem sido discutida na geografia brasileira para entender não apenas o espaço urbano, mas também, o espaço rural.

O território que objetivamos discutir é proposto por Bonnemaïson (2012) no entender que o território é uma rede intrínseca de lugares conectados por itinerários. Esta forma de ver o território foi fundamental para estabelecer uma leitura sobre os territórios ribeirinhos. Este tem sido apresentado como um conjunto de lugares e em sua maioria ligado ao rio Tocantins e as práticas ribeirinhas de antes do enchimento do lago. A des-re-territorialização é enfrentada pelo ribeirinho com o retorno ao território manifestado na romaria de São José, na busca pela permanência às margens do lago e na manutenção da identidade ribeirinha.

Organizamos o texto em capítulos que tem a seguinte ordem: Em primeiro, temos, “Por uma discussão do conceito de ribeirinhos” introduzimos e discutimos sobre como esse segmento é entendido e debatido. Em seguida “o percurso da pesquisa” onde apresentamos os locais que fundamentaram as discussões e as bases teóricas que nortearam os argumentos. Em sequência, em “Os ribeirinhos do entorno do lago da UHE Estreito”, descrevemos as características que diferenciam cada

segmento, e as relações que os mesmos estabelecem com rio (lago). E ao final, no ultimo capítulos, esboçamos como os ribeirinhos estabelecem-se no lago.

1. POR UMA DISCUSSÃO DO CONCEITO DE RIBEIRINHOS

As concepções do que são as comunidades ou melhor quem são os sujeitos ribeirinhos são diversas e variam conforme abordagem no qual o autor quer trabalhar. Pretendemos dialogar com diferentes entendimentos sobre os povos ribeirinhos, objetivando assim uma multi-interdisciplinaridade que contribuirá conseguinte para a compreensão das comunidades ribeirinhas em Babaçulândia, Tocantins. A busca por esta conceituação exige para a pesquisa científica abrir mão do senso comum e construir um conhecimento teórico-empírico. Para tal tarefa objetivamos um auxílio em bibliografias que tratam o tema em um contexto atual trazendo para o debate as mais recentes discussões a respeito deste tema. Mas, o que são os ribeirinhos ou as comunidades ribeirinhas? Uma primeira concepção de comunidades tribais, leia-se neste caso os povos tradicionais está na convenção da OIT n. 169 sobre os Povos Indígenas e Tribais aprovada pelo governo brasileiro em 2002 e promulgada em abril de 2004 (SILVA; GONÇALVES; SOUZA FILHO, 2017), em seu artigo 1º-1, temos a seguinte conceituação “ a consciência de sua identidade indígena ou tribal deverá ser considerada como critério fundamental para determinar os grupos aos que se aplicam as disposições da presente Convenção.”

De acordo com a Convenção 169 da OIT no qual o Brasil é signatário a autoidentidade é um dos parâmetros para se definir uma comunidade tradicional, o autoconhecimento neste entendimento é um dos critérios fundamentais para constatação dos povos tradicionais. A autoidentidade está presente de maneira unânime dentre os sujeitos objetos de nossas pesquisas. Nesta segunda premissa temos uma conceituação abordando aspectos que vão além da autodeterminação, a seguir:

Povos tribais em países independentes cujas condições sociais, culturais e econômicas os distingam de outros segmentos da comunidade nacional e cuja situação seja regida, total ou parcialmente, por seus próprios costumes ou tradições ou por uma legislação especial”, (OIT, art. 1º-1, a).

Neste artigo, a convenção 169 esclarece que os povos tribais (povos tradicionais, ribeirinhos) diferem das demais camadas da população por serem regidas por seus próprios hábitos, credos e costumes. Em uma terceira definição, suscitada

através dos estudos sobre os impactos da usina de Belo Monte no rio Xingu temos a seguinte definição dos ribeirinhos:

Ribeirinho é uma categoria genérica, sujeito de direitos, que recobre uma gama de denominações concretas de existência camponesa no Brasil, e na Amazônia em particular. Apresenta em comum características sociológicas especiais resultantes da relação que mantêm com a natureza, marcadamente o rio (MAGALHÃES, 2017, p. 29).

Como descrito, os ribeirinhos podem ser reunidos em uma gama de denominações, ocorrendo um leque de variedades em que os sujeitos podem ser estudados. Iniciamos o diálogo com a visão mais generalista sobre o que são os ribeirinhos. Partimos agora para uma conceituação sociológica: “Do ponto de vista sociológico, trata-se de uma fração do campesinato, cuja produção se caracteriza pela combinação de múltiplas atividades (pluriatividade) e se destina em graus variados ou alternados à subsistência e ao mercado” (GARCIA JR, 1983 *apud* MAGALHÃES, 2017, p. 29).

Nesse entendimento temos a situação das comunidades ribeirinhas de Ilha Verde, pois as práticas agrícolas desta comunidade se alternam entre manter a si próprio e a comercialização do excedente nas feiras da cidade. Essas multiatividades dependem ainda das sazonalidades do clima, e no caso específico dos ribeirinhos de Ilha Verde, do nível da represa da UHE. Fundamentando-se por uma conceituação geográfica, temos em Bonnemaïson (2012) uma ideia que assim como as outras elencadas, apontam para uma realidade distinta destes sujeitos em relação aos seus modos de vida. A relação das famílias com o rio caracteriza o que o autor coloca como sendo “um conjunto de lugares hierarquizados conectados a uma rede de itinerários” (BONNEMAISON, 2012, p. 247), ou seja, as comunidades das margens do lago da UHE Estreito mantêm uma relação de lugares uns interligados e subordinados aos outros, “obedecendo” a um caminho.

Retomando ao questionamento de linhas atrás, podemos afirmar que os ribeirinhos são de formas diferentes sujeitos que mantêm uma relação afetiva, social e cultural com o rio. Os ribeirinhos não somente obtêm do rio o seu sustento, é também do rio as origens de seus hábitos, culinárias e costumes, parafraseando Bonnemaïson (2012) o rio são lugares simbólicos, um geossímbolo para o ribeirinho.

Os grandes empreendimentos alteram desde meados do século passado as dinâmicas de ocupação e produção do território na localidade do estudo, tanto na

expulsão das “beiras” do rio Tocantins como também de alterações nas relações do ribeirão com as roças de vazantes e na pesca. Os ribeirinhos desta região tiveram seus lugares alterados pela formação da represa e foram deslocados de lugares, em sua maioria para área de Chapada como os assentados do Mirindiba, populações habitantes da ilha de São José.

O assentamento Mirindiba foi uma luta social que buscou conquistar suas terras em locais escolhidos pelos próprios impactados pela barragem sob a liderança de dona Maria da Ilha. Houve outros que por não articulação da comunidade foram removidos e assentados em terrenos destinados pela empresa como a população do Baixão. Conforme (BRITO, 2017; 2018), há um problema com a falta de água potável e até mesmo, com a água doce, dado que o líquido subterrâneo ali é salobra, impróprio para consumo humano.

Em trabalho de campo realizado no acampamento Ilha Verde, referimos assim, por se tratar de uma área às margens do lago da UHE Estreito e que a população não havia sido assentada devido ser uma área de preservação ambiental, tratava apenas de uma ocupação sob litígio entre o CESTE, Estado e comunidade. Por ordem de reintegração de posse emitida pela Comarca de Filadélfia, as populações foram despejadas no dia 11 de setembro de 2019 (COMBATE RACISMO AMBIENTAL, 2019) da área e removido suas plantações e destruído seus barracos. Conforme entrevista com esta comunidade, por não adaptação aos ambientes de chapadas e longe do rio do Tocantins, principalmente a população quilombola, fizeram um retorno para as margens do lago buscando o contato com a liberdade que as águas lhes proporciona e a disponibilidade de água para a plantação de hortaliças, legumes e cereais.

Esta liberdade das águas conforme Brito e Miranda (2020; 2021) são os territórios de errância proposto por Joel Bonnemaision (2012), as populações têm na água a liberdade de caminhar (navegar) e em sua imensidão ser dominados e dominar, criar suas territorialidades sempre re-inventadas, imprevisível. Em certas ocasiões um cardume mudava a sorte da população ao encontrá-los no rio e lhes rendia muito dinheiro.

Portanto, as populações ribeirinhas dentre os diversos segmentos tradicionais discutidos anteriormente, são os que mais sofrem os impactos dos grandes projetos

na região amazônica. A territorialização do capital com uso intenso dos recursos hídricos impõe aos ribeirinhos uma velada e contínua tensão na manutenção do território, mesmo que sejam os já assentados como demonstrado por Brito e Silva (2021) na pesquisa sobre os assentados do Mirindiba. Para aquela população, os ciclos das incertezas ainda não encerraram, eles não têm os títulos das terras em que foram estabelecidos.

2. O PERCURSO DA PESQUISA

2.1 O método da pesquisa e a problemática

Para a aquisição das informações da pesquisa nos apropriamos das ferramentas da pesquisa participante com utilização do Diagnóstico Rural Participativo – DRP. Utilizamos as ferramentas do mapa falado como forma de identificar os lugares ribeirinhos da pesca e da plantação de suas roças; e o calendário agrícola e de festas dos ribeirinhos para entender os lugares e os re-arranjos dos sujeitos no espaço.

A coleta das informações sobre as experiências e vivência dos sujeitos ocorreram através de entrevistas, visto que o uso desta técnica “possibilitou acrescentar uma dimensão viva, trazendo novas perspectivas às problemáticas pesquisadas” (MATOS; SENA, 2011, p. 96). Na história oral são reveladas “as intenções dos feitos, suas crenças, mentalidades, imaginário e pensamentos referentes às experiências vividas. A fonte oral pode não ser um dado preciso, mas possui dados que, às vezes, um documento escrito não possui” (PORTELLI, 2006 *apud* MATOS; SENA, 2011, p. 101).

As observações/descrições e fotografias da paisagem e do modo de vida ribeirinho foram inseridas em cadernos de anotações e gravadas para serem posteriormente transcritas e compreendidas pela análise do discurso. Vale ressaltar, que esta pesquisa foi registrada na Plataforma Brasil.

No decorrer da coleta de dados e análises destes, as reuniões para o debate e elucidação dos textos foram tratadas em diversas perspectivas, o diálogo entre os participantes no Grupo de Pesquisa- GEGATO. Os textos “Entorno do Território” de Joel Bonnemaïson e o livro: “Por uma Geografia do Poder” de Claude Raffestin. Estas leituras nos auxiliaram no entendimento do território e foram de suma importância na elaboração do mapeamento dos territórios. A consulta aos trabalhos que nos apoiassem contextualmente no debate das usinas hidrelétricas e seus impactos foram de peso relevante na discussão dos problemas abordados aqui.

2.2 A área de pesquisa

O município de Babaçulândia está localizado na porção leste do estado do Tocantins, na região comumente chamada de “Bico do Papagaio”, na região Imediata de Araguaína. A sede localiza-se às margens do rio Tocantins (lago da UHE Estreito), na planície aluvial do rio Tocantins, impactado diretamente não só pelo alagamento de parte da cidade como também do lençol freático que subiu e aflorou em alguns bairros da cidade como o Novo Milênio.

O município tem sua história atrelada aos babaçuais que em meados do século XX foram importantes na ocupação do espaço e na organização das comunidades em associação de extrativismo, ciclo econômico que consolidou a economia das frentes pioneiras de ocupação em meados do século XX. Com uma população de 10.666 pessoas (IBGE, 2020), o município tem importante produção de mandioca e seus derivados, e uma pecuária com criadores de bovinos e piscicultores. O lago propicia um turismo em praias em água doce tornando assim o setor de turismo com importância na economia do município.

O reservatório UHE estende-se por 260,30 km, inundando uma área de 400km², e com um volume de 5.400 x 106m³ e vida útil projetada para 100 anos (CESTE,2021). Interferindo direta e indiretamente em doze municípios, dez localizados no estado do Tocantins, a saber; Barra do Ouro, Darcinópolis, Filadélfia, Goiatins, Itapiratins, Palmeirante, Palmeiras do Tocantins e Tupiratins, e outros dois no Maranhão; Carolina e Estreito. Dentre os municípios situados no lado tocantinense, está o município de Babaçulândia. Na imagem a seguir, é possível observar as cidades de Aguiarnópolis (margem esquerda) e Estreito (margem direita).

Figura 1 - Usina Hidrelétrica Estreito



Fonte: https://www.engie.com.br/uploads/2018/11/foto_anuncio_tratada-1440x576.jpg. Acesso em 10\06\2021.

A construção do reservatório conduziu a mudanças expressivas na fauna e flora da região (figura 1). No tocante aos impactos decorrentes da construção de usinas hidroelétricas na região Amazônica, Fearnside (2015a) descreve o processo que distingue o reservatório de um lago\rio, a saber:

O reservatório é como uma banheira, onde a tampa é retirada do ralo e a água drena do fundo, em vez de transbordar da parte superior, como no caso de um lago. Como a água que sai das turbinas vem da camada aprisionada abaixo do termo clina e está com alta concentração de metano, a diferença com a pequena concentração no ar é muito grande e boa parte do metano é rapidamente liberada para a atmosfera logo abaixo das turbinas. (FEARNSIDE, 2015a, p. 24)

Estas características, somadas aos desmatamentos, ocasionaram alterações na distribuição e na disponibilidade de várias espécies de peixe. Fearnside (2015b) ao analisar o caso da Usina de Tucuruí, no rio Tocantins afirma que:

Além da perda de floresta, a Tucuruí, assim como é o caso para outras barragens, destruiu ecossistemas aquáticos. O rio natural no trecho inundado é perdido, substituído por um lago com espécies diferentes e biodiversidade menor. O rio a montante é afetado pelo bloqueio da migração de peixes, tartarugas, e outros grupos. (FEARNSIDE, 2015b, p. 11)

Os aspectos elencados anteriormente também ocorreram no início dos processos de pré-operação da UHE Estreito e seguiram após a plena operacionalidade do empreendimento. Ao encontro dos estudos apresentados por Fearnside (2015a, 2015b), podemos traçar semelhanças com os relatos cedidos por um dos

entrevistados da nossa pesquisa já que o represamento do rio acarretou variações no conhecimento das águas e da localização dos peixes pelos ribeirinhos.

Nas narrativas explanadas por um dos entrevistados, tem-se a descrição da situação do pescado a montante da barragem: “*porque assim, no rio era só água fria, no lago é água fria e quente. E tem uns peixe que se adapta a água fria e quente. A Traíra é água quente, o tucunaré água quente, o pacu água fria*” (Entrevistado 4). O reservatório da UHE Estreito modificou a vegetação, inundando centenas de quilômetros de Cerrado, incluindo “as matas ciliares na beira do rio, que têm um papel ecológico importante além de sua representação em termos de área” (FEARNSIDE, 2015b, p .11).

Na (figura 2), é possível observar os aspectos debatidos anteriormente; as dezenas de árvores submersas na água, fragmento do que um dia foi parte de uma floresta viva.

Figura 2 - Vista parcial do lago da UHE Estreito, no acampamento Ilha Verde.



Fonte: O Autor (vista de campo realizada em 2017)

Além dos aspectos ecológicos e ambientais, quais sejam: a fauna e a flora, as mudanças antrópicas neste trecho do rio levaram às alterações nas relações sociais e econômicas dos sujeitos. Ao discutir as consequências da mudança do curso do rio, na prática do lazer e afins, Silva (2017) afirma que o rio Tocantins tinha suas margens territorializadas como espaço diversificado, a saber; lazer em praias, chácaras, fazendas, e acampamentos de pescas, pela população local e por turistas.

Em consequência desta alteração antrópica ocorreu “a transformação da paisagem, a mudança do perfil dos visitantes e o consumo dos moradores” (ZAGALLO, 2018, p. 29). Ao discutir os efeitos negativos da UHE sobre a vida em um segmento específico, os (barqueiros) de Babaçulândia, Zagallo (2018, p. 110) afirma; “a barragem representou um fator de desconstrução identitária, cultural e territorial”, percorrendo este entendimento e a partir dos trabalhos de Zagallo (2018), Silva (2017) e Costa (2019) depreende-se que as alterações em uma região atingida por empreendimentos energéticos tal como as usinas hidrelétricas são múltiplas, diversas e abrangem distintos segmentos de populações, entre eles os ribeirinhos, barqueiros e camponeses.

2.3 Da Ilha São José ao acampamento Ilha Verde, a feira da cidade

A Ilha de São José situava-se na zona rural do município de Babaçulândia, um aglomerado rural em uma ilha fluvial no rio Tocantins. Ali habitavam dezenas de famílias ribeirinhas, camponesas e vazanteiras. De acordo com Carvalho e Sieben (2019, p. 177), esses grupos de famílias “traziam consigo ofícios adotados por gerações e viviam, por exemplo, da pesca, do cultivo das plantações de vazantes, da agricultura de subsistência e de pequenas criações de rebanhos bovinos e outros animais”. O escoamento do excedente da produção dava-se através do rio e era vendido nas cidades próximas, uma parcela era direcionada até o sítio urbano de Babaçulândia (COSTA, 2019). Na cidade, os produtos eram revendidos aos feirantes locais, que comercializavam em suas tendas. Esses utilizavam a renda obtida a partir deste comércio para comprar, em Babaçulândia, itens que não produziam na Ilha (SILVA; SIEBEN; SILVA, 2014).

O acampamento Ilha Verde ficava distante 20 km da sede do Município, às margens do lago da UHE de Estreito (Mapa 1). Tratava-se de uma comunidade distribuída em lotes pequenos com acesso ao lago. As famílias ali residentes totalizam ao todo 37 núcleos familiares. A infraestrutura básica das moradias e lavouras é insuficiente, não havendo muita estrutura conforme figura abaixo, as habitações são feitas de barro ou madeira, e cobertas de palha (CECCHIN,2016), todas as famílias visitadas tinham suas moradias próximas ao rio/lago, medida essa que objetivava o melhor uso dos recursos.

De acordo com Bromley (1980, p.646): “o mercado diário ou periódico é uma importante característica nos países em desenvolvimento, onde pode exercer uma função significativa de localidade central”, a partir desta afirmação, depreende-se que a feira local (analisada neste trabalho), já não alcançava expressiva funcionalidade nesse ponto. Esse comércio ao ar livre é bem distinto do que ocorre atualmente. Os momentos vividos pelos sujeitos da outrora Ilha de São José e do acampamento Ilha Verde no que se relaciona ao abastecimento da feira da cidade de Babaçulândia são distintos.

Figura 3 - Habitação dos ribeirinhos as margens do lago da UHE Estreito



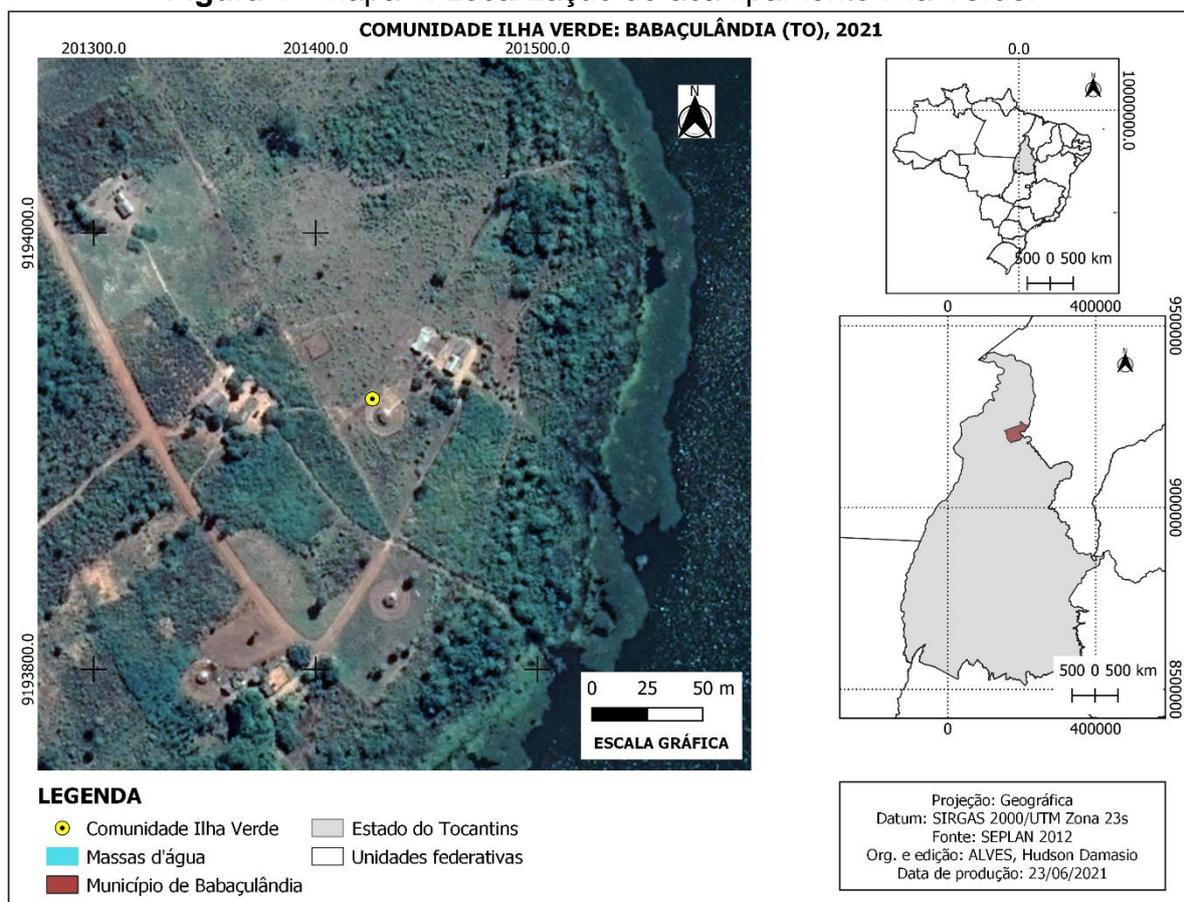
Fonte: Autor, 2017.

O provimento das mercadorias trazidas da Ilha de São José significou e reproduziu práticas enraizadas, hábitos que estavam há décadas estabelecidos, por outro lado, a feira que na época de nossas entrevistas era mantida por famílias de Ilha

Verde apresentava atributos distintos, a saber: movimento de pessoas, alimentos e pescados. Constatamos *in loco* que a circulação de pessoas, o número de bancas e quantidade de peixes observados era bem inferior em comparação com o período pré usina hidrelétrica de Estreito, tais informações foram corroboradas através dos relatos colhidos.

A luta das famílias por seu direito de resistir teve engajamento tanto na esfera política (manifestações, fóruns, debates), social/econômica (cultivo e comercialização do que era produzido na comunidade) e jurídica. Ao buscar diversos meios de se fazerem ouvidos, os ribeirinhos de Ilha Verde pressionaram o poder público para atender às suas demandas.

Figura 4 - Mapa 1: Localização do acampamento Ilha Verde.



Fonte: IBGE 2019; SEPLAN 2012. **Organização:** ALVES, Hudson Damásio

Embora as mobilizações de diferentes segmentos em prol da causa do acampamento e as famílias ali residentes fosse em certo grau relevantes, o andamento

do processo que pleiteava a retirada das pessoas ali presentes continuou, e em primeiro de 1 fevereiro, o juiz da 1º Escrivania Cível de Filadélfia, do Tribunal de Justiça do estado do Tocantins, expediu uma sentença favorável ao **Consórcio Estreito Energia - Usina Hidrelétrica Estreito** (CESTE), chefiado pelas empresas Engie, Vale, Alcoa e InterCement, concedeu a reintegração de posse com o prazo estabelecido de até 15 dias para que a determinação fosse acatada (BRASIL DE FATO, 2019). A sentença veio a ser executada somente em setembro daquele ano. A ordem judicial que determinou a retirada das famílias fora recoberta de contestações, tanto por movimentos sociais, pesquisadores, e pelo poder público através da Defensora Pública do estado do Tocantins. O processo arrastou-se por anos, com inúmeros desdobramentos, e nenhum sucesso para as famílias que resistiam na Ilha Verde.

3 OS RIBEIRINHOS DO ENTORNO DO LAGO DA UHE ESTREITO

Quem são os ribeirinhos de Babaçulândia? Como estão organizados no espaço? A partir destes questionamentos construímos caminhos possíveis de fazer a pesquisa como o diálogo em campo e visitas nos lugares. As relações de dependência dos sujeitos com rio/lago foi um dos critérios que utilizamos para realizar o mapeamento. O nosso primeiro campo nesta segunda etapa do projeto ocorreu em setembro de 2018. Na ocasião visitamos a feira da cidade, lá encontramos algumas famílias do acampamento Ilha Verde. Aos finais de semana as famílias vendiam o pescado e as hortaliças cultivados no assentamento. Conforme o relato de uma das entrevistadas, o quantitativo de peixes vinha em queda desde 2017, evidenciando a nova dinâmica do rio(lago), que desde da construção da usina vem tendo uma diminuição significativa de quantidade e espécies de pescado.

No campo realizado em 22 de fevereiro de 2019, conversamos com dois grupos de pessoas que de alguma maneira têm o seu sustento atrelado ao rio(lago): o ribeirinho pescador e o pescador não ribeirinho (apenas tem carteira de pescador). As atividades ocorreram durante toda a manhã e tarde. Pela manhã conversamos com alguns feirantes que compõem um grupo de ribeirinhos que habitam a Ilha Verde às margens do lago, em seguida a equipe seguiu para a sede da Colônia de Pescadores Z15 onde nos reunimos com a presidente da associação daquele município. Finalizamos a visita de campo dialogando com dois pescadores que assim como os feirantes pescam e comercializam pescado.

Retornando às perguntas anteriores: quem são os ribeirinhos da Babaçulândia? E, onde eles estão? Podemos afirmar que identificamos três segmentos\conjuntos de ribeirinhos, quais sejam: populações de agricultores, citadinos (ribeirinhos), e ribeirinhos habitando áreas fora das margens do lago da UHE Estreito. Entre os agricultores temos as pessoas que ocupam o acampamento de Ilha Verde localizado às margens do lago da usina. A entrevistada 01 está neste grupo, embora ela dependa do rio para o seu sustento é da venda de hortaliças e legumes (cultivadas por sua família) na feira, que a possibilita a compra de alimentos para a sua casa. Conforme a (figura 3) é possível observar parte da plantação, e concomitantemente a ela, o lago.

Essas características simbolizam realidades diametralmente opostas, respectivamente; aquilo que é luta, resistência, em contraposição ao avanço do capital,

que se baseia em outra lógica de desenvolvimento. Seguindo este raciocínio, concordamos com Straforini (2018) que a partir de Corrêa (2000) e Souza (2013) discorre sobre a ideia de práticas heterônomas e autônomas, a primeira decorrente dos atores que detém o poder, que controlam as decisões em uma escala maior. Já as práticas autônomas ou subversivas, remetem ao pensamento de transformação, de resistência em relação aos atores hegemônicos. Portanto, a paisagem constituída no lago é resultado das práticas hegemônicas, enquanto a atividade e cultivo descritos e representados na (figura 3) advém de ações autônomas ou insurgentes.

Figura 5 - Plantação de hortaliças as margens do lago da UHE Estreito.



Fonte: Autor (2017).

Os cidadãos se caracterizam por ter uma identificação próxima ao rio/lago, todavia essas pessoas não possuem uma dependência direta do rio, contudo, esses sujeitos têm engajamento social relevante em prol das populações atingidas pelo lago. Há neste grupo a presidente da colônia dos pescadores do município de Babaçulândia, que a época da nossa visita estava à frente da associação pescadores daquele município e exercia o cargo de vereadora naquele município. Como representante dos pescadores, a entrevistada do segmento 2 trabalhou de maneira a época da construção da UHE de Estreito.

. **Figura 6** - Colônia de pescadores Z-15.



Fonte: Autor (2019)

No terceiro grupo encontram-se os ribeirinhos que habitavam a antiga margem do rio Tocantins, em grande parte famílias que foram remanejadas para assentamentos distantes do rio e em alguns casos do próprio município de Babaçulândia. Populações que atualmente vivem uma realidade fora do convívio do rio e de seus antigos ciclos de amizades. Há uma nova realidade que se caracteriza a partir de fatores como conhecer o ambiente lacustre que se diferencia do fluvial. O mais notável para os ribeirinhos são as dimensões do lago e a temperatura da água retratadas nas práticas da pesca como, “*O peixe apodrece rapidamente, em razão da água quente*” (entrevistado 3), este é um conhecimento novo do ambiente e ao mesmo tempo, uma imposição que modifica o tempo da pesca.

A permanência do peixe no lago, em alguns casos retratado pelos ribeirinhos, como da corvina, é de apenas 40 minutos, após este tempo o peixe começa apodrecer. Mas, as espécies também mudaram e alguns peixes foram dizimados ou apenas se deslocaram da área, “*peixe de couro não tem não*”(entrevistado 3). Conforme

Centofante e Melo (2012), nos estudos dos lagos formado na bacia do rio Araguaia apontaram que a limnologia das águas nesses ambientes lacustres interfere na ictiofauna e que há uma variação de temperatura ao longo do ano, mais uma constante alteração diária entre temperatura superficial que muda constantemente e temperatura de fundo que sofre menores oscilações.

Desta maneira temos o grupo que ainda mantém uma relação direta com o rio, provendo do lago a sua subsistência. E os sujeitos que perderam o seu acesso ao rio devido a construção do empreendimento, eles agora se encontram distantes do que um dia foi a sua fonte de subsistência.

4. TERRITÓRIO RIBEIRINHO NO LAGO DA UHE ESTREITO

Conforme discutido anteriormente, as populações ribeirinhas organizam-se em contornos semelhantes, pois as relações que constituem o território e, conseqüentemente, a territorialidade desses grupos, são apoiadas em elementos interligados, muito embora, ocorra distinções entre eles. Aqui, dissertamos de qual maneira este território está estabelecido no lago, a saber: seus itinerários e lugares.

De acordo com Bonnemaïson (2002, p. 99) “A correspondência entre o homem e os lugares, entre uma sociedade e sua paisagem, está carregada de afetividade”. Partindo dessa reflexão, observa-se entre os ribeirinhos esse intercâmbio afetivo, que ainda resiste, muito embora tenha sofrido alterações decorrente da construção da usina hidrelétrica. No lago, essa confluência dá-se a partir das plantações mantidas pelo acampamento Ilha Verde, da atividade pesqueira praticada pelos pescadores residentes no sítio urbano, e a procissão fluvial em homenagem ao São José, festejo que descreveremos mais à frente.

O festejo de São José é uma festa tradicional, que reúne a cada ano centenas de pessoas; pescadores, ribeirinhos, barqueiros, e os demais devotos do santo. Em fevereiro de 2019, durante nossa visita a campo em Babaçulândia-TO, acompanhamos *in loco* a procissão fluvial\ festejo de São José. Conversamos com algumas pessoas ali, pescadores e população em geral. A concentração para a partida iniciou-se por volta das 14:00h da tarde do dia 19 de março daquele ano, durante este momento, dialogamos com as pessoas que chegavam para participar do festejo. Ali cada pessoa guardava uma lembrança distinta, os significados que aquele momento viria a proporcionar-lhes. Reencontramos alguns sujeitos entrevistados anteriormente por nós, ribeirinhos do então acampamento Ilha Verde, ex-pescadores, e moradores que em outros tempos participaram daquela festa. Partimos em um barco, acompanhando um pescador que participou em anos anteriores da mesma festividade.

O “caminho” percorrido pelos barcos foi alterado devido a construção da Usina de Estreito. Se antes os barqueiros iam até a Ilha de São José, atualmente o trajeto ficou mais curto, sendo limitado por um percurso quase feito totalmente à vista da orla da cidade de Babaçulândia, uma vez que a imagem de São José também saiu da ilha e veio para a cidade. Parte do traslado foi realizado próximo ao final da tarde (figura

5). Na fotografia podemos identificar ornamentações enfeitando os barcos, o entardecer e a romaria de São José realizada com a imagem do santo e seus devotos.

Figura 7 - Procissão de São José: lago de em Babaçulândia- (TO)



Fonte: Autor (2019).

Partindo dessa descrição, compreendemos que o território “ é, ao mesmo tempo, ‘ espaço social’ e ‘ espaço cultural ’: ele está associado tanto à função social quanto à função simbólica” (BONNEMAISON, 2002, p 103). Portanto, este trajeto; o itinerário (imagem 5) percorrido não é apenas uma “ volta de barco”, mas uma trama de elementos que constituem a identidade desses sujeitos, desta forma o território é também um espaço cultural (BONNEMAISON, 2002).

CONCLUSÃO

A região base deste trabalho é há anos palco de disputas ambientais, políticas e sociais, e a construção de grandes empreendimentos é um dos fatores causadores de conflitos entre os agentes proprietários, governo e comunidades tradicionais. Partindo desse ponto, explorou-se de que forma os diversos segmentos da comunidade ribeirinhas em Babaçulândia-Tocantins e atingidos pela construção da Hidroelétrica de Estreito estabeleceram organização no entorno do lago. Por conseguinte, esboçou-se os elementos que constituem o território desses sujeitos.

O entendimento do território dessas comunidades fornece um valioso subsídio para o ensino de Geografia na educação básica. Pensamos e concordamos com Straforini (2018) e Callai (2005), que o ensino do saber geográfico não deve ser apenas pautado no fim máximo dessa disciplina: localização no espaço consciência crítica, dentre outras. Entretanto, deve-se explorar de forma mais incisiva o meio para chegar-se ao objetivo final, ou seja nas práticas pedagógicas em si. E este trabalho dispõe de elementos instigantes para uma prática educativa que seja capaz de instituir sentido para a disciplina, quais sejam: A lavoura dos outrora acampados de Ilha Verde, os pescadores, a representação da colônia de pescadores. Os festejo de São José, logo as tramas abordadas neste estudo versam sobre uma perspectiva local, sujeitos próximos e cotidianidades imediatas a quase toda a população da cidade.

Em vista dos dados e informações esboçadas até aqui, depreende-se que o mapeamento das comunidades ribeirinhas no município de Babaçulândia- Tocantins, parte em um primeiro momento da breve introdução acerca dos conceitos que sustentam esse termo, por conseguinte, a compreensão do “ser” ribeirinho. Os argumentos transitaram por conceituações jurídicas, sociológicas e antropológicas, guiando através da interdisciplinaridade, que para nós é fundamental para a assimilação de práticas tradicionais. Ao introduzirmos diferentes grupos de ribeirinhos nesta análise, buscou-se demonstrar o quão distinto e ao mesmo tempo semelhante é a relação entre esses sujeitos e o lago. As práticas sustentadas por aqueles que relacionam-se com o lago têm como objetivo resistir às mudanças provocadas por meio dos atores hegemônicos, o Estado e o poder do capital.

REFERÊNCIA

- AB'SÁBER, Aziz. **Os domínios de natureza no Brasil: potencialidades paisagísticas**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- BONNEMAISON, Jöel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia cultural: um século**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2002. p. 83- 132
- BONNEMAISON, Jöel. Viagem em torno do território. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: EdUERJ, vol. I, 2012. p. 279-304.
- BRASIL. IBGE. **Babaçulândia**. 2017. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/to/babaculandia/panorama>. Acesso em: 06 ago. 2021.
- BRASIL DE FATO (São Paulo) (ed.). **Famílias ameaçadas de despejo por hidrelétrica se organizam no Tocantins**. 2019. Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2019/03/07/familias-ameacadas-de-despejo-por-hidreletrica-se-organizam-no-tocantins>. Acesso em: 07 ago. 2021.
- BRITO, Eliseu Pereira de Brito. **Itinerários de uma identidade territorial na invenção do ser tocantinense**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2016.
- BRITO, Eliseu Pereira de; SILVA, Samuel Santos. Por entre os castanhais: sujeitos e lugares no povoado Fortaleza em São Geraldo do Araguaia, Pará. **Caminhos de Geografia**, Uberlândia, 2020. p. 415-428.
- BRITO, Eliseu Pereira de. SOBRE OS RIBEIRINHOS TOCANTINENSES: história e resistências. **Interespaço: Revista de Geografia e Interdisciplinaridade**, [s.l.], v. 4, n. 14, p. 33, 23 out. 2018. Universidade Federal do Maranhão. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.18764/2446-6549.v4n14p33-48>. Acesso em: 08 ago. 2021.
- BROMLEY, Raymond J. Os mercados nos países em desenvolvimento: uma revisão. **Revista Brasileira de Geografia**. Rio de Janeiro. Ano 42, n. 3 p. 433 a 676. jul./set. 1980.
- CALLAI, Helena Copetti. Aprendendo a ler o mundo: a geografia nos anos iniciais do ensino fundamental. **Cadernos Cedes**, v. 25, n. 66, p. 227-247, 2005.
- COMBATE RACISMO AMBIENTAL (ed.). **Pela segunda vez, famílias ribeirinhas da comunidade Ilha Verde são despejadas em Babaçulândia (TO)**. 2019. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2019/09/12/pela-segunda-vez-familias-ribeirinhas-da-comunidade-ilha-verde-sao-despejadas-em-babaculandia-to/>. Acesso em: 07 ago. 2021.
- CARVALHO, Graziane de Araújo Pitombeira; SIEBEN, Airton. Da ilha de São José ao reassentamento coletivo Baixão em Babaçulândia (TO): efeitos da usina hidrelétrica de estreito na amazônia. **Cuadernos de Geografía: Revista Colombiana de Geografia**, [S.l.], v. 28, n. 1, p. 175-191, jun. 2019. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.15446/rcdg.v28n1.73572>. Acesso em: 05 ago. 2021.

CECCHIN, Hareli Fernanda Garcia; PARENTE, Temis Gomes. **O desempoderamento de mulheres beneficiárias do Programa Bolsa Família: questões de gênero no acampamento Ilha Verde – TO.** 2016. Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento Regional) – Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Regional, Universidade Federal do Tocantins, Palmas, 2016.

CENTOFANTE, Elias; MELO, Cesar Enrique de. **Estrutura e composição da ictiofauna em um lago isolado na planície do médio rio Araguaia, Mato Grosso – Brasil.** *Biotemas*, [S.I.], v. 3, n. 25, p. 173-186, set. 2012. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/314830885_Estrutura_e_composicao_da_ictiofauna_em_um_lago_isolado_na_planicie_do_medio_rio_Araguaia_Mato_Grosso_-_Brasil. Acesso em: 05 ago. 2021.

CESTE, Consórcio Estreito Energia. **A Usina.** Disponível em: <https://www.uhe-estreiro.com.br/o-emprego/a-usina.html>. Acesso em: 06 ago. 2021.

COSTA, Delismar Palmeira. **Os camponeses da ilha de São José e a construção da usina hidroelétrica de Estreito:** da terra de trabalho ao território do devir. 2019. 146 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2019.

CORRÊA, Roberto Lobato. Espaço: um conceito chave da Geografia. In: CASTRO, Iná Elis de; GOMES, Paulo Cesar da Costa.; CORRÊA, Roberto Lobato (Org.) **Geografia: conceitos e temas.** 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2000. p.15-47.

FEARNSIDE, Philip M. **Hidrelétricas na Amazônia:** impactos ambientais e sociais na tomada de decisões sobre grandes obras. Manaus: Editora do INPA, 2015a. v. 1.

FEARNSIDE, Philip M. **Hidrelétricas na Amazônia:** impactos ambientais e sociais na tomada de decisões sobre grandes obras. Manaus: Editora do INPA, 2015b. v. 2.

GARCIA JR, Afrânio Raul. **Terra de trabalho:** trabalho familiar de pequenos produtores. Paz e Terra, 1983.

MATOS, Júlia Silveira; SENNA, Adriana Kivanski de. História oral como fonte: problemas e métodos. *Historiæ*, Rio Grande, v. 1, n. 2, p. 95-108, dez. 2011. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/hist/article/view/2395/1286>. Acesso em: 05 ago. 2021.

MAGALHÃES, Sônia Barbosa. A voz dos ribeirinhos expulsos. In: MAGALHÃES, Sônia Barbosa; CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **A expulsão de ribeirinhos em Belo Monte:** relatório da SBPC. São Paulo: Sbpc, 2017. p. 29. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/livro/belomonte.pdf>. Acesso em: 05 ago. 2021.

SILVA, Liana Amin Lima da; GONÇALVES, Bruna Balbi; SOUZA FILHO, Carlos Frederico Marés de. Dos direitos dos ribeirinhos atingidos por barragens. In: MAGALHÃES, Sônia Barbosa; CUNHA, Manuela Carneiro da (org.). **A expulsão de ribeirinhos em Belo Monte:** relatório da SBPC. São Paulo: Sbpc, 2017. p. 69. Disponível em: <http://portal.sbpcnet.org.br/livro/belomonte.pdf>. Acesso em: 06 ago. 2021.

STRAFORINI, Rafael. O ensino de Geografia como prática espacial de significação. *Estudos Avançados*, [S.I.], v. 93, n. 33, p. 175-196, out. 2018.

ORGANIZAÇÃO INTERNACIONAL DO TRABALHO [OIT]. **Convenção sobre Povos Indígenas e Tribais em Países Independentes** [Convenção 169]. 27 jun. 1989. Disponível em: Último acesso em: julho de 2021.

PORTELLI, Alessandro. O massacre de Civitella Val di Chiana (Toscana, 29 de junho de 1944): mito e política, luto e senso comum. **Usos e abusos da história oral**, v. 2, p. 103-130, 1996 *apud* MATOS; SENNA (2011).

VERDEJO, Miguel Expósito. **Diagnóstico rural participativo**: guia prático DRP. Brasília: MDA / Secretaria da Agricultura Familiar, 2006.

RAFFESTIN, Claude. **Por uma Geografia do Poder**. Tradução: Maria Cecília França, São Paulo: Editora Ática, 1993.

SILVA, Queila Pereira da; SIEBEN, Airton; SILVA, Marivaldo Cavalcante da. Efeitos da Usina Hidrelétrica Estreito na cultura de vazante da Ilha São José e na feira livre em Babaçulândia-TO. **Revista Sapiência**, Iporá, v. 3, n. 1, p. 85-103, jun. 2014. Disponível em: [file:///C:/Users/USER/Downloads/2803-Texto%20do%20artigo-8868-2-10-20140910%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/USER/Downloads/2803-Texto%20do%20artigo-8868-2-10-20140910%20(1).pdf). Acesso em: 09 ago. 2021.

SILVA, Súsie Fernandes Santos. **A reterritorialização dos barqueiros de Babaçulândia (TO) atingidos pela usina hidrelétrica de estreito (MA)**. 2017. 196 f. Dissertação (Mestrado em Estudos de Cultura e Território), Universidade Federal do Tocantins, Araguaína, 2017.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Práticas espaciais. In: _____. **Os conceitos fundamentais da Pesquisa Socioespacial**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2013. p.235-60.

ZAGALLO, Ana Daisy Araújo. **No banzeiro do lago: a (in) sustentabilidade do turismo na representação dos barqueiros atingidos pela UHE Estreito em Babaçulândia-TO**. 2018. 167f. Tese (Doutorado em Ciências do Ambiente) – Universidade Federal do Tocantins, Programa de Pós-Graduação em Ciências do Ambiente, Palmas, 2018.